



Uma análise da morte social no poema “NANÃ” de patativa do Assaré

An analysis of social death in the poem “NANÃ” by patativa do Assaré

Un análisis de la muerte social en el poema NANÃ de patativa do Assaré

DOI: 10.55905/oelv22n3-092

Originals received: 02/16/2024

Acceptance for publication: 03/01/2024

Antônio Veimar da Silva

Doutor em Agronomia, Grandes Culturas

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Endereço: Rodovia 12, PB, 079, Areia - PB, CEP: 58397-000

E-mail: veimar74185@gmail.com

Carla Michelle da Silva

Doutora em Fitotecnia

Instituição: Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Endereço: Avenida Peter Henry Rolfs, s/n, Campus Universitário, Viçosa – MG,
CEP: 36570-900

E-mail: carla.mic@hotmail.com

Claudimar Paes de Almeida

Mestre em Letras

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Endereço: Rodovia Dourados, Itahum, Km 12, Cidade Universitária, Dourados – MS,
CEP: 79.804-970

E-mail: claudimarpaes@hotmail.com

Francisco Souto de Sousa Júnior

Doutor em Química

Instituição: Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Endereço: Avenida Francisco Mota, 572, Costa e Silva, Mossoró - RN, CEP: 59625-000
E-mail: franciscosouto@ufersa.edu.br

Jéssica Rodrigues Araújo

Pós-Graduada em Psicopedagogia

Instituição: Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI)

Endereço: Av. Evandi Américo Comarela, nº 441, Esplanada, Edifício Perim Center 3º,
4º e 5º andar, Venda Nova do Imigrante – ES, CEP: 29375-000

E-mail: jessicarodriguesjp1@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa se propõe analisar a morte social da família dentro do poema “Naná” de Patativa do Assaré, o poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva. O interesse por esse poema se deu por vários motivos como pelo discurso reivindicativo a favor do menos favorecido, por ter vivenciado a realidade da região nordestina tendo propriedade para discorrer a respeito, por ser agricultor e explicar a beleza do sertão e de buscar ser o porta voz de seu povo. Os autores que fundamentam o presente estudos são os trabalhos de Testa e Carvalho (2022), Carvalho (2011), Cariry (2007), Araújo e Santana (2020), Tavares *et al.* (2016), Pegurski *et al.* (2020) e Castro (2021), dentre outros. O poema de Patativa do Assaré tem marcas claras de antagonismo, onde a temática popular e social se configura pela oposição de classes.

Palavras-chave: poesia social, denúncia social, memória, identidade, morte social.

ABSTRACT

This research proposes to analyze the social death of the family within the poem “Naná” by Patativa do Assaré, the poet from Ceará Antônio Gonçalves da Silva. The interest in this poem was due to several reasons, such as the claiming speech in favor of the less favored, for having experienced the reality of the northeastern region, having the property to discuss it, for being a farmer and explaining the beauty of the sertão and for seeking to be the door voice of its people. The authors who base this study are the works of Testa and Carvalho (2022), Carvalho (2011), Cariry (2007), Araújo and Santana (2020), Tavares *et al.* (2016), Pegurski *et al.* (2020) and Castro (2021), among others. Patativa do Assaré’s poem has clear marks of antagonism, where popular and social themes are shaped by class opposition.

Keywords: social poetry, social reporting, memory, identity, social death.

RESUMEN

La presente investigación propone analizar la muerte social de la familia en el poema "Naná" de Patativa do Assaré, el poeta ceará Antônio Gonçalves da Silva. El interés por este poema se dio por varias razones, como por el discurso que reclama el favor de los menos favorecidos, por haber experimentado la realidad de la región noreste teniendo la propiedad de hablar de ella, por ser agricultor y explicar la belleza de las tierras bajas, y por buscar ser el portavoz de su pueblo. Los autores que fundamentan los presentes estudios son los trabajos de Testa y Carvalho (2022), Carvalho (2011), Cariry (2007), Araújo e Santana (2020), Tavares et al. (2016) Pegurski et al. (2020) y Castro (2021), entre otros. El poema de Patativa do Assaré tiene claras marcas de antagonismo, donde el tema popular y social está configurado por la oposición de clases.

Palabras clave: poesía social, denuncia social, memoria, identidad, muerte social.



1 INTRODUÇÃO

Para entender o luto social da família cantada por Antônio Gonçalves da Silva no poema “A morte de Nanã”, não é suficiente ouvi as rimas cantada por ele, é preciso adentrar nos aspectos sócio-antropológicos em profundidade para deslumbrar o luto marcante nesse poema cultural popular do Nordeste brasileiro e que baliza a identidade cultural do povo em questão.

As obras de Patativa apresentam-se com temas recorrentes os elementos da realidade social do povo nordestino. Suas produções têm linguagem clara, simples e muito rica, retratando de forma realista a vida sofrida do povo brasileiro, abordando criticamente a situação de vida do povo do sertão. Isso pode ser visto em seu cordel “A morte de Nanã”, que demonstra uma crítica social incisiva sobre a situação da seca, que ainda hoje é uma realidade para muitas pessoas, em especial, o povo do Nordeste do Brasil (TESTA; CARVALHO, 2022).

Esse enfoque social, em especial, a morte social, dado no poema “A morte de Nanã” na poética narrada por Patativa do Assaré, é cheia de sentimentos contando os momentos finais de Ana buscando sensibilizar os leitores para as impunidade dos crimes bárbaros silenciados e banalizados sem constrangimento, e na sua fala, a dor que sentia, pela perda de quem ele mais amou na vida. Temática relevante a ser estudada e discutida e cheia de sentimentos diferentes que o comovem perante a cena trágica, triste e revoltante.

Isso nos leva a querer entender alguns aspectos desse poema e o porquê da sua criação pelo tão famoso poeta Patativa do Assaré. Afinal, qual o propósito desse poema com o título “A morte de Nanã”? Que Aspectos podem ser encontrados nas estrofes de seus poemas?

Por este motivo e indagações, é que torna importante a escolha pelo poema “Naná” de Assaré, buscando analisar a morte social dentro do âmbito familiar. Desde o ingresso ao curso de Letras, a temática envolvendo o poeta Patativa do Assaré instigou reflexões e o entendimento sobre sua importância e relevância para a cultura, para a compreensão da história do Nordeste brasileiro, assim como para subsidiar a construção de conhecimentos.

Nesse sentido, mergulha-se nessa sua obra, para entender a morte social da família e suas interpretações pelo poema, em suas estrofes. Assim, o objetivo da presente pesquisa, é realizar uma análise pormenorizada da morte social da família no poema “Naná” de Patativa do Assaré, verificando quais aspectos de seu poema ocasiona a morte social da família.

Esse trabalho foi desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica de uma obra literária, sendo esta realizada por meio de buscas em artigos científicos nacionais sobre a temática. Para tanto, adotou-se o método de revisão qualitativa, tipo de método que proporciona além da síntese de conhecimento, a incorporação da aplicabilidade prática dos resultados de estudos significativos.

Realizou-se a pesquisa com busca em na base de dados Google Scholar. Para selecionar os artigos foram utilizados os seguintes descritores: “Patativa do Assaré”, “poema Nanã”, “morte social”, entre outros. Assim, com a seleção dos dados, tornou-se possível realizar uma análise dos discursos da morte social dentro do poema “Naná” de Patativa do Assaré como veremos a seguir.

2 POETA COM NOME DE PASSARINHO

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido pelo seu pseudônimo “Patativa do Assaré”, nasceu em 5 de março de 1909, em Serra de Santana, situada a 18 km de Assaré, Ceará, filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Gonçalves da Silva, e faleceu em 8 de julho de 2002, aos 93 anos de idade.

Seu nascimento também foi descrito nas palavras de Carvalho (2011, p.25), dizendo que o nascimento de Patativa do Assaré foi no:

Dia 5 de março de 1909. Sexta-feira, lua crescente (seria cheia no dia 7, domingo), dedicado aos santos Virgílio, João José da Cruz e Teófilo, no calendário da Igreja Católica. Observatório Meteorológico de Quixeramobim, no sertão central do Ceará, terra de outro Antônio notável, o Conselheiro, não registrou chuvas nesse dia e a perspectiva de um ano seco deveria trazer muitas preocupações para todos, principalmente para os agricultores, como os que viviam na Serra de Santana, a 18 quilômetro de Assaré. Depois de um carnaval que não aconteceu, em sua folia dionisíaca, e de receber cinzas (dia 3 de março), o que deveria ser feito era cobrir os santos de roxo, durante a quaresma, e esperar pelo dia 19, festa de São José, padroeiro do Ceará, coincidente com a passagem do equinócio, quando choveria ou não choveria e a situação de definiria de vez. Foi nesse contexto que nasceu o menino Antônio.

Patativa do Assaré ganhou muita reputação e citação de vários autores de renome, dentre esses tem-se Carvalho (2011), já citado acima e Cariry (2007), que produziu um curta metragem intitulada “Patativa do Assaré – Um poeta do povo”, com direção de Jefferson de Albuquerque Jr. e Rosemberg Cariry, 1984, com reprodução em 2007. Tanto Carvalho quando Cariry contam sobre a vida e das produções desse grande homem Antônio Gonçalves da Silva.

Neste curta metragem, Patativa conta como ficou seco de um dos olhos, aos 4 anos de idade devido a doença o qual pegou: Sarampo. Em suas próprias palavras, no curta metragem: “O sarampo, adoeci de sarampo, e já estava com essa doença e no interior [...] juntou tanta coisa desagradável, sem médico lá naquele interior no Assaré, naquele tempo havia um farmaceuticozinho, toda meninice, eu tinha quatro anos apenas.” (CARIRY, 2007, curta metragem). A doença o impediu de ver o mundo como os outros, contudo não o impediu de enxergar a realidade e a verdade.

Em sua fala, nota-se que pelas complicações do Sarampo, Patativa do Assaré perdeu a visão do olho direito ainda uma criança, aos 4 anos de idade. Porém, mesmo com essa deficiência, não o impede de enxercar o que acontece no dia-a-dia, a realidade e a verdade dos acontecimentos.

Antônio ficou órfão do seu pai aos 9 anos de idade, e junto com seus três irmãos (José, Pedro e Joaquim) tiveram que deixar os brinquedos de que gostavam para trabalhar no campo para ajudar no sustento da família, dividindo entre eles as tarefas de trabalho (CASTRO, 2021). Nesta idade, ele teve seu primeiro contato com a poesia. Em suas palavras: “Na idade de 8 anos, a primeira vez que eu vi ler um folheto de cordel, eu fiquei como que encantado, [...] um mundo novo entrou na minha mente, eu fique logo sabendo que eu querendo também poderia fazer versos, desde a idade de 8 anos, viu?” (CARIRY, 2007, curta metragem).

Assim fica evidente o interesse que Patativa do Assaré demonstrou, aos 8 anos de idade, com as poesias de cordel tendo interesse pelos versos dessa modalidade de contos, desperta para a área de letras. Ele pegou gosto e prazer e descobriu seu talento para produzir poesias, e ao fazer apresentavam os mesmos nas feiras e rádios de sua região,

conseguindo lançar seu primeiro livro de título “Inspiração Nordestina” aos 47 anos de idade (PEGURSKI et al., 2020).

Aos 12 anos, ficou entre 4 a 6 meses na escola, curto período, mas aprendeu a ler e escrever. Ele lia de tudo, revistas, livros, poetas da língua, sendo o seu preferido o autor Castro Alves. Depois, abandonou a escola e tornou-se autodidata, em razão da necessidade de se dedicar ao trabalho na roça para alimentar sua família. No entanto, mesmo com os problemas enfrentados em sua infância e curto tempo na escola, o jovem se interessou pela poesia, pois ele afirmava em suas palavras que se encantava pelo mundo da poesia, principalmente quando ouvia os cantores e os repentistas discorrendo histórias narradas com rimas ou mesmo em folhetos de cordel (TAVARES et al., 2016).

Aos 13 anos, deu-se início a criação de seus próprios versos, buscando apontar os fatos do dia-a-dia, de seu cotidiano, enfatizando o trabalho na roça e a seca, recitando-os para os vizinhos. Três anos mais tarde, aos 16 anos, Antônio vendeu uma ovelha que criava para investir em uma viola, e com isso iniciou as primeiras cantorias (CASTRO, 2021).

A partir desse período a vida de Antônio muda bastante pois o mesmo começa a sair mais de casa para cantar nas ruas e em eventos tanto dentro de sua cidade como fora dela. Era chamado para diversos fins como festas, casamentos e aniversários. A viola aproximou o poeta dos chamados *aedos* gregos, isso porque suas histórias eram cantadas e narradas ao som de fórminx ou de lira. Nesse sentido, Patativa do Assaré se constituiu como *aedos* do sertão (ARAÚJO & SANTANA, 2020).

Aos 20 anos, o poeta foi convidado pelo primo de sua mãe, José Montoril, para ir ao Pará cantar com outros cantadores, como Justino Galvão. Patativa ficou nesse estado por seis meses, voltando para sua terra por conta da saudade do seu povo. Ao voltar para o estado do Ceará, ele traz uma carta de recomendação para Henriqueta Galeno, filha do poeta Juvenal Galeno. Encontrou com Juvenal Galeno na cidade de Fortaleza e segundo Patativa, o encontro foi transformador, mesmo sem haver diálogo entre os dois, apenas a contemplação de Antônio olhando firmemente para Juvenal.

Depois do encontro, Patativa do Assaré volta para sua cidade convicto de que a poesia era sua missão de vida, um dom. Desde então, seus trabalhos têm ganhado força e dimensão, tornando-o no grande mito, conhecido por todos como: o poeta do sertão.

3 A POESIA SOCIAL DE PATATIVA DO ASSARÉ

Os textos de Patativa de Assaré, versão de poesias orais, tradicionais e popular com versos na norma padrão, usando ainda sonetos e oitavas em seus trabalhos. EM seus trabalhos ele revela fortemente a relação com a natureza, com a beleza do sertão nordestino, com o sagrado, os direitos humanos, os ensinamentos cristãos entre outros. Tudo o que o poeta escreve se mostra articulado, dando voz a um grupo ou até mesmo a sua vivencia social.

As escritas de Patativa continham, linguagem clara e compreensiva para todos os tipos de leitores. Era sensível a diversos assuntos sócias como crianças abandonadas, a miséria, a fome, a reforma agrária, o êxodo rural, etc. O poeta era porta voz de sua região, mas também representava todas aquelas pessoas excluídas economicamente, tanto das cidades quanto dos interiores (zona rural).

A poesia social de Patativa do Assaré é destaque na literatura brasileira. Entre a poesia lírica e social de Patativa, ele mesmo observa que suas obras em quase sua totalidade, são sociais, declarando isso em uma entrevista concedida a Gilmar Carvalho como segue:

GC - ... Patativa gosta de poesias sociais, mas também gosta de uma poesia romântica e apaixonada.

PA – É, mas não tenho muita poesia apaixonada não. É... quase que não tenho. Eu tenho é ... só poesia ... quase só poesia social (2011, p.132).

Fica evidente, que o foco de suas obras poéticas, tem foco em conteúdo social, visto que em suas obras contém quase sempre agruras do Nordeste. Como poeta sertanejo da cultura popular, não mascara os problemas da região nordestina. Nesse sentido, o próprio autor destaca: “Eu sou um caboclo da roça que, como poeta, canto sempre a vida do povo. O meu problema é cantar a vida do povo, o sofrimento do meu Nordeste, principalmente daqueles que não têm terra [...]” (PATATIVA DO ASSARÉ, 2005, p. 17).



Nas obras de Patativa, tem o peso maior em referências socioculturais, exigindo dos leitores, a incorporação do contexto histórico à poesia durante a interpretação do mesmo. Isso ajuda a entender de forma rápida e fácil todo o contexto de seus poemas. Nesse sentido, o trabalho do sociólogo e estudioso em literatura se combinam: A obra de Patativa do Assaré com seu compromisso social, com sua dimensão ética orientada em função de valores de inspiração comunitária como verdade, justiça e compaixão, está saturada de temporalidade histórica (ANDRADE, 2004, p. 18).

Por outro lado, Patativa procurava mostrar a importância dos dois tipos de línguas procurando colocar no mesmo patamar de relevância as variantes linguísticas o qual representa a tensão existente o opressor (normal padrão) e o oprimido (variante popular). Isso é visto dentro das significações sociolinguísticas trabalhadas no interior dos poemas de Patativa, sendo a “variante matuta” a forma que o poeta adotou para representar o povo simples do sertão.

O poeta não se preocupa com a forma bonita de falar, pelo contrário, ela usa a variante popular para dar voz ao povo do sertão com sua forma de falar próprios. É um processo de aproximação entre quem recebe (o sertanejo) com a forma do poema criado (a linguagem) e o conteúdo do poema. Assim, o poema de Antônio, mostra ao povo sertanejo, a verdade e a realidade da precariedade da existência nordestina. Dessa forma, “o real-vivido encontra eco no real-poético” (AGUIAR, CONTE, 2013, p. 174).

O poeta nordestino luta contra o preconceito, o primitivismo e a inferioridade que as elites passam nos discursos letrados buscando legitimar a marginalização e a exclusão das tradições do povo. Patativa buscar mostrar em seus poemas a ideia de igualdade, equivalência e autonomia, mostrando o valor da civilização o qual ele representa. Nesse sentido, Lemaire (2009) contribui dizendo que:

Essa reivindicação da diferença, do reconhecimento e do respeito dela num pé de igualdade desconstrói a dicotomia convencional cujo pressuposto é o da inferioridade do mundo rural, da oralidade, oposta à superioridade do mundo burguês, urbano, do saber livresco, do poder (p. 26).

É notório que nas obras de Patativa do Assaré há uma dicotomia, um antagonismo, um diálogo entre os opostos, seja entre o poeta e seus ouvintes, o matuto e o culto, a

cidade e a zona rural, a classe dominante e a classe dominada. Vai além de uma simples poesia oral, pois marca a tensão existente entre grupos sociais. Sua poesia se classifica como uma denúncia sobre a estrutura social injusta e politicamente desigual.

É nessa dicotomia antagonista e de oposições que Patativa do Assaré desvela o mundo em seus poemas. Há sempre dois sujeitos de condições de classes sociais diferentes e antagônica. Muitas das vezes, ele já coloca esse dualismo no próprio título de suas obras e até mesmo em títulos de livros, entre esses pode-se citar, “O Brasi de cima e o Brasi de baixo”, Ispinho e fulô; “Nordestinos sim, nordestinados não”; Cante lá que eu canto cá, entre outros.

Em síntese, a poesia social de Patativa do Assaré são contrastes da vida no sertão com os sofrimentos e as belezas, relevando uma luta social e um protesto contra toda a injustiça social. Fica evidente nesta pesquisa que o discurso patativano tem ação social, onde o poeta mostrar sua dor, agonia, à labuta dos indivíduos que sofrem para sobreviver. O poeta vai além da discussão sobre a seca da região nordeste, ele mostra o descaso e a falta da assistência do homem do campo pelo governo, pelo estado, o que brota e aumenta no povo a um estado de miséria e analfabetismo.

4 A MORTE SOCIAL DA FAMÍLIA NO ENREDO DE “A MORTE DE NANÃ” NO POEMA DE PATATIVA DO ASSARÉ

O poema “A morte de Nanã” é estruturada em 21 estrofes de 10 versos compostos por 210 versos heptassílabos. Ele utiliza a rima que obedece ao esquema conhecida como ABABCCDEED, sendo as rimas obrigatórias para as letras repetidas.

Assim como muitos outros poemas escrito por Patativa do Assaré, ele conta nesse poema mais uma experiência que ela tinha passado. Esse poema é uma história verdadeira, dramática que discorre a morte de uma criança com o nome de Ana, mas que Patativa do Assaré chamava de Nanã, e que pode ser observado pelo menos 4 momentos reais e bem definidos e que será descrito abaixo. A história da morte de Nanã não pode ser estudada apenas na perspectiva da perda de uma criança na família, mas no contexto geral, pois nessa mesma época de sua morte, o povo sofria em decorrência de fatores sociais e cruciais causados pela grande seca do ano de 32, ocasionando miséria, sofrimento,



pobreza, descaso político, dependência, sendo esses as principais causa descritas nesse poema, a morte social não só de Ana, da família de Patativa do Assaré, mais de todos que sofreram por essa seca e morreram como Ana morreu.

A intensão desse poeta foi de sensibilizar o público alvo para as impunidades citadas anteriormente, e a impunidade desses crimes graves, bárbaros silenciados e banalizados sem constrangimento.

O poeta tinha assumido a paternidade de Ana da Silva, em sua plenitude total. A infância para Patativa do Assaré era representada pela afetividade da criança, pela formosura, pelas brincadeiras ligadas à natureza e que, depois se desfez com o duro golpe da pobreza à infância do sertão ocasionada pela seca de 32, tornado a formosura e o amor se transformado em uma angustia e dor e que em seu poema nas três primeiras estrofes, usando o eu lírico, descreve a perda de seu grande amor, “a perda do grande amor de toda a sua vida” no poema a “A morte de Nanã” (Patativa do Assaré, 2006, p38):

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô do meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistença
O que mais amou na vida.
(Estrofe 1)

Já tou véio, acabrunhado,
Mas inriba deste chão,
Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma quirida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.
(Estrofe 2)

Morreu na sua inocença
Aquele anjo incantadô,
Que foi na sua isistença,
A cura da minha dô
E a vida do meu vivê.
Eu bejava, com prazê,
Todo dia, de menhã
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.
(Estrofe 3)

Nestas três estrofes pode-se notar alguns aspectos marcantes de sua obra: memória, cultura, identidade, sentimentos antagônicos de tristeza e dor com a alegria da presença de sua linda filha. De fato, no poema fica evidente que a seca ocasionada na época não deixou apenas cicatrizes profundas no corpo mas na sua alma “dilurida” desse poeta e que todo o cenário ora gravado em suas memórias é externado em forma de poema, como marca de identidade do povo nordestino mostrando a dicotomia tristeza-alegria, tristeza de perdido a filha e a alegria de a ter ganhado e participado de sua vida em momentos felizes o qual representava a cura de sua dor.



Nas estrofes a seguir de IV a VI verifica-se um cenário, um momento, antes da morte de Nanã, é a Ana que Patativa do Assaré viu crescer vigorosa e saudável, mas que pela seca, pela fome, morre nova, “aos seis anos e doze dias” e que era o amor mais puro e mais precioso que Antônio possuía.

Nanã tinha mais primô
De que as mais bonita jóia,
Mais linda do que as fulô
De um tá de Jardim de Tróia
Que fala o dotô Conrado.
Seu cabelo cachiado,
Preto da cô de viludo.
Nanã era meu tesôro,
Meu diamante, meu ôro,
Meu anjo, meu céu, meu tudo.
(Estrofe 4)

Pelo terrêro corria,
Sempre sirrindo e cantando,
Era lutrida e sadia,
Pois, mesmo se alimentando
Com feijão, mio e farinha,
Era gorda, bem gordinha
Minha querida Nanã,
Tão gorda que reluzia.
O seu corpo parecia
Uma banana-maçã.
(Estrofe 5)

Todo dia, todo dia,
Quando eu vortava da roça,
Na mais compreta alegria,
Dentro da minha paioça
Minha Nanã eu achava.
Por isso, eu não invejava
Riqueza nem posição
Dos grande deste país
Pois eu era o mais feliz
De todos fio de Adão.
(Estrofe 6)

As estrofes 4, 5 e 6 falam de episódios antes da morte de Nanã. Destaca a primazia que a menina tinha, definindo sua beleza, sua saúde, pois era uma criança feliz, saudável e muito forte fisicamente. Ana era a alegria de seus pais e os fazia esquecer da pobreza em que vivia, porque tinha a felicidade em casa, possuía a pequena menina, uma joia, meu “tesôro”, meu “ôro” (nas palavras de Patativa), razão de viver de sua existência, pois ele era o mais felis de todos os fio de Adão. Para o poeta, mesmo sendo pobre não lhe faltava nada, não tinha inveja de quem era rico, bens materiais não era valioso para ele, mas sua filha sim, ela era valiosa e por isso a dor tremenda no seu ser não na carne mais na alma, em suas palavras “arma dilurida” (Estrofe 1).

Nos 6 próximos estrofes (7ª ao 12ª) pode-se observar nos versos do poema “A morte de Nanã” a trágica situação da seca de 32 e com a chegada dessa seca, as suas consequências, principalmente a falta de alimento, para o pobre, o homem do campo que só vive das colheitas de sua roça que com a seca, impossibilita seus plantios e tem que comer frutas de plantas típicas da seca como “goma de mucunã” ou “caça do mato” (estrofe 8).

Patativa, homem do campo, nordestino, cearense, sertanejo, vivenciou na pele por esse período da história, um dos piores para os agricultores, sem ter o que comer, comendo uma vez por dia, quando tinha o que. O poeta discorre em seu poema afirmado



o que passara e mostrando que na sua região, essa seca foi pior que já teve no estado do Ceará. Pode-se observar também nas palavras do poeta citado por Feitosa (2003, p.224):

Naquele ano, a seca maior que o Ceará sofreu foi no ano de 1932. Naquele tempo foi uma miséria, viu? E nem esse governo protegia ninguém. Iam tudo era para o Maranhão, ou se valiam de comidas brabas viu? E então, eu vendo aquilo, tudo aquilo, eu criei aquele poema, retratando Nanã, a menina que morreu por inanição. Eu substituindo o pai dela. Quem vê assim, pensa que eu era o pai dela, não é? Mas não, eu criei na mente, por causa daquele sofrimento daquele tempo. Tantas crianças não morreram! Tantas Nanãs não morreram! Não é?

Patativa entendia que a seca era um fenômeno natural, mas em sua concepção, esse problema poderia ser resolvido com a ajuda do governo, com programas sociais aos menos favorecidos, e até mesmo pela ajuda dos próprios vizinhos, seres humanos, preservando a vida do povo que já são desfavorecidos pelo governo e seus governantes. Assim vejamos o período dessa seca nas estrofes dos poemas “A morte de Nanã” de Patativa do Assaré.

Mas, neste mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá.
Quando há seca no sertão,
Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrôis.
Foi isso o que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na seca de trinta e dois.
(Estrofe 7)

Vendo que não tinha inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o inferno,
Me dexou no desengano,
Sem nada mais me arranjá.
Teve que se alimentá
Minha querida Nanã,
No mais penoso matrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã.
(Estrofe 8)

E com as braba comida,
Aquela pobre inocente
Foi mudando a sua vida,
Foi ficando deferente.
Não sirria nem brincava,
Bem pôco se alimentava
E inquanto a sua gordura
No corpo diminuía,
No meu coração crescia
A minha grande tortura.
(Estrofe 8)

Quando ela via o angú,
Todo dia de menhã,
Ou mesmo o rôxo bejú
Da goma da mucunã,
Sem a comida querê,
Oiava pro dicumê,
Depois oiava pra mim
E o meu coração doía,
Quando Nanã me dizia:
Papai, ô comida ruim!
(Estrofe 10)

Se passava o dia intêro
E a coitada não comia,
Não brincava no terrêro
Nem cantava de alegria,
Pois a farta de alimento
Acaba o contentamento,
Tudo destrói e consome
Não saía da tipóia
A minha adorada jóia,
Infraquecida de fome.
(Estrofe 11)

Daqueles óio tão lindo
Eu via a luz se apagando
E tudo diminuindo
Quando eu tava reparando
Os óinho da criança,
Vinha na minha lembrança
Um candiêro vazio
Com uma tochinha acesa
Representando a tristeza.
Bem na ponta do pavio.
(Estrofe 12)

Patativa começa na estrofe 7 destacando que neste mundo de meus Deus, ou de Cristo, em suas palavras, o pobre não tinha vez, pois nessa seca, em suas mesas faltava o principal que era o arroz, o feijão, farinha e milho, sendo que sua filha morrerá da pior forma possível, a morte por não ter o que comer, morrer de fome. Isso mostra como a seca de 32 foi um período crítico principalmente para os nordestinos sertanejos. Nesse sentido, Santana, discorre sobre essa referida seca, dizendo que tanto as crianças como as pessoas velhas morriam de fome sem a menos assistência, vejamos o que a autora destaca:

A seca de 1932 talvez tenha sido maior do que a de 1915. Pelo menos para Piripiri. A lavoura ia por terra. Escassez de gêneros, carestia, falta de dinheiro. A pobreza apelava para o “Croatá” e a “Mucunã”. A “Mucunã” para ser comida devia ser lavada em nove águas. Caso contrário era veneno puro. E água? Onde encontrar o precioso líquido? Retirantes do Ceará e de outras localidades vizinhas estacionavam em Piripiri transformando a cidade em um quadro desolador. Muitos velhinhos e crianças nem resistiam à dureza das viagens. Morriam sem nenhuma assistência. Famílias flageladas seguiam em direção ao Maranhão, deixando os filhos entregues a alguma alma caridosa. Iam em busca da Terra Prometida. Era, realmente, um quadro triste!” (SANTANA, 1985, p 176).

O poeta continua, em suas estrofes posteriores, mostrando visivelmente a sua dor, pela tristeza que se encontrava a sua filha, sem querer comer, “Nem sirria nem brincava”, “Bem pôco se alimentava”, a dor do que via, sem ver alegria em sua amada filha, mostrou na filosofia da vida, as concepção ideológica e seu sentimento de Deus (estrofe 8). Mostrava os traços fortes da diferença, da indiferença, da fome, da desnutrição e inanição, da desigualdade social, e da presente ingratidão dos proprietários de terras que viraram as costas para as famílias que trabalhavam em suas fazendas, em suprir as necessidades de seus “funcionários”, deixando-os passar fome, vendo-os morrer de fome.

Nas estrofes subseqüentes, verifica-se o desfilamento da menina Nanã e a dor do pai que via os últimos sinais de vida de sua filha, o que podia ser visto na escrita dos quatro últimos versos da estrofe 12: “Um candiêro vazio”/“Com uma tochinha acesa”/“Representando a tristeza”/ “Bem na ponta do pavio”.

Nas estrofes seguintes (13^a a 18^a) pode-se observar a cena da morte de Nanã. Patativa com a força de sua memória traz à tona para todo o mundo não apenas a morte



de sua filha, mas a morte de várias Nanãs que desfaleceu pela fome nos sertões nordestinos e que veremos a seguir.

E, numa noite de agosto,
Noite escura e sem luá,
Eu vi crescê meu desgosto,
Eu vi crescê meu pená.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança
E quando vêi o rompê
Da linda e risonha orora,
Fartava bem pôcas hora
Pra minha Nanã morrê.
(Estrofe 13)

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Com o seu rosto moiado
Das água do amô materno.
(Estrofe 14)

E, enquanto nós assistia
A morte da pequenina,
Na menhã daquele dia,
Veio um bando de campina,
De canaro e sabiá
E começaram a cantá
Um hino santificado,
Na copa de um cajuêro
Que havia bem no terrêro
Do meu rancho esburacado.
(Estrofe 15)

Aqueles passo cantava,
Em lovô da despedida,
Vendo que Nanã dexava
As misera desta vida,
Pois não havia recurso,
Já tava fugindo os purso,
Naquele estado misquinho,
Ia apressando o cansaço,
Seguido pelo compasso
Da musga dos passarinho.
(Estrofe 16)

Na sua pequena boca
Eu via os laibo tremendo
E, naquela afrição loca,
Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi regalando pra mim
Os tristes oinho seu,
Fez um esforço ai, ai, ai,
E disse: “abença, papai!”
Fechô os óio e morreu.
(Estrofe 17)

Enquanto finalizava
Seu momento derradêro,
Lá fora os passo cantava,
Na copa do cajuêro.
Em vez de gemido e choro,
As ave cantava em coro.
Era o bendito prefeito
Da morte de meu anjinho.
Nunca mais os passarinho
Cantaro daquele jeito.
(Estrofe 18)

A escassez de alimento, a fome, eram consequências da seca e que levou ao poeta Patativa do Assaré a escrever o poema, a escrever a realidade das pessoas que moravam da agricultura, sendo esse um dos motivos da morte de Nanã, para representar o que se passava no campo e os descasos dos governantes e até dos donos de terra, pois para ele, o problema era uma morte social de natureza política, e seu poema funcionaria como uma denúncia.

Em seguida, mostrou-se um cantar de um passarinho, nesse momento de aflição, dos últimos suspiro da vida de Nanã, o que representa o esplendor da natureza e um cenário de consolo, nesse momento difícil, onde a família não se sabe o que fazer, a não ser esperar o inevitável, com dor no coração e com muita aflição.

Logo após verifica-se as estrofes correspondentes à depois da morte de Nanã, fazendo a despedida da pequenina Ana, cessando seu canto com a morte da criança. Nesse momento, o poeta menciona a religiosidade (Estrofe 19), pois os sertanejos têm fé na



igreja e em seu Deus, pedindo que cuide de sua filha ao chegar no “paraíso”. E mais uma vez, nota-se na escrita no poema, no eu lírico, a revolta desse crime sem punição afirmando que “E a culpa não é de Deus”/“A culpa é dos home rico”.

Nanã foi, naquele dia,
A Jesus mostrá seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.

Na minha imaginação,
Caço e não acho expressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a culpa não é de Deus,
A culpa é dos home rico.
(Estrofe 19)

Morreu no maió matrato
Meu amô lindo e mimoso.
Meu patrão, aquele ingrato,
Foi o maió criminoso,

Foi o maió assarsino.
O meu anjo pequenino
Foi sacudido no fundo
Do mais pobre cimitero
E eu hoje me considero
O mais pobre deste mundo.
(Estrofe 20)

Soluçando, pensativo,
Sem consolo e sem assunto,
Eu sinto que inda tou vivo,
Mas meu jeito é de defunto.

Invorvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,
Toda vez que eu vou rezá,
Com meus juêio no chão,
Peço em minhas oração:
Nanã, venha me buscá!
(Estrofe 21)

Ao culpar o homem rico, o poeta fala da ingratidão do seu patrão, que “Foi o maió criminoso”, “Foi o maió assarsino”, visto que não o ajudou no momento que ele mais precisando, mesmo trabalhando a muito tempo para o patrão, o mesmo não o considerou no momento mais difícil de sua vida, o que o levou a perder o seu bem mais precioso, se considerando o homem mais pobre do mundo. Por fim, na última estrofe, destaca que mesmo vivo, se sente um defunto, esperando um dia encontrar a menina Nanã.

No geral, seu poema continha evidencia da inconformidade do poeta em vê o descaso, nesse período crucial que foi a ano de 32, da maior seca que o nordeste já teve, e procurou em seu poema, criticar e denunciar a injustiça em que o povo menos favorecido estava passando, mas buscou também em seu poema mostrar a ganancia dos povos ricos e o descaso dos gestores municipais, estaduais e até federais que não ajudaram a população em tamanha necessidade, havendo portanto, não apenas a morte de Nanã, mas a morte social da família, nesse período difícil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, pode-se observar e conhecer a fundo a grande importância que tem as contribuições dos poemas de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré. O poeta mostra a realidade vivida pelo povo nordestino, sertanejo, lavrador, as

belezas do interior, e as atrocidades cometidas sem punição, pelo governo e pelos patrões, deixando o povo a mercê das necessidades básicas, principalmente, da alimentação.

Nota-se que, mesmo sem estudo aprofundado, buscou-se perfeição em seus poemas, usando sua bagagem de vida, de cultura, de história, de vivência e experiências o caminho trilhado para compartilhar suas escritas, criticando, informando, lutando em sua maneira contra um sistema falho, com lutas sociais, através de seus poemas, representando a classe trabalhadora do sertão.

Buscou-se com a pesquisa, entender o propósito do poema com o título “A morte de Nanã” e que aspectos podem ser encontrados nas estrofes de seus poemas?.

Patativa do Assaré, buscou com o referido poema, primeiramente, construir um discurso reivindicativo, denunciando dessa forma, os problemas sociais existentes no contexto do nordeste brasileiro, mostrando o luto social da família no pior momento dos sertanejos de toda a história da humanidade que foi a seca de 32.

Ao longo de todo o percurso e análise, fica evidente das revelações de suas frustrações perante a sociedade em que se vive: a miséria, a luta pela sobrevivência à margem de uma sociedade egoísta, a desigualdade de classes, o descaso social e político, a desvalorização dos agricultores, a opressão do povo oprimido e a tirania dos governantes, ente outros.

Nas estrofes estudadas do poema, pode-se verificar ainda os aspectos importantes e marcantes no desenrolar do mesmo, a memória, a identidade, a cultura, a dicotomia antagônica da alegria de ter uma filha e a tristeza de perde-la da pior forma possível que foi a fome.

Com o poema, ao apresentar os problemas sociais para a sociedade, Patativa buscava despertar no povo o senso crítico e a vontade da luta pela liberdade, pelo direitos humanos, pela igualdade de classes, através do luto social da família, em que muitas Nanãs se foram pelo descaso dos governantes e os povos ricos egoístas que só pensam no próprio umbigo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. H. de; CONTE, D. Patativa do Assaré: o canto ilimitado. In: PUHL, P. R.; SARAIVA, J. A. (Org.). **Processos culturais e suas manifestações**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

ANDRADE, C. H. S. **As razões da emoção**: capítulos de uma poética sertaneja. Fortaleza: Editora UFC; São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

ARAÚJO, E. J. P.; SANTANA, G. F. Diálogo entre poesia e cinema: análise do documentário “Patativa do Assaré - ave poesia” de Rosemberg Cariry e sua relação com a poética de Patativa do Assaré. in: **literatura, imagem e mídias**, p. 70-84, 2020.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: Filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.

_____. Inspiração nordestina. **Coleção de literatura popular**. São Paulo: Hedra, 2006.

CARIRY, R. **Patativa do Assaré - Ave Poesia**. [Filme-vídeo]. Produção Executiva de Petrus Cariry e Teta Maia, direção de Rosemberg Cariry. Fortaleza: Cariri Filmes e Iluminura Filmes, 2007, 84 min. Cor e P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgjrE8Lw>>. Acesso em: 08 de março de 2023.

CARVALHO, G. **Patativa do Assaré**: um poeta cidadão. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

CASTO, E. **A perspectiva política da poesia de Patativa do Assaré: análise do cordel Antônio Conselheiro**. 2021. 33p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2021.

FEITOSA, L. T. **Patativa do Assaré**: A trajetória de um canto. São Paulo: Escrituras editora, 2003.

LEMAIRE, R. Reler Patativa do Assaré: redescobrir um mundo. In: CARVALHO, G. (Org.). **Patativa em sol maior**: treze ensaios sobre o poeta pássaro. Fortaleza: UFC, 2009.

NOGUEIRA, R. C. **A poética popular e social de Patativa do Assaré**. *Letras*, n. 55, p. 173-193, 2017.

PEGURSKI, C. A.; ALMEIDA, R. C.; LIMA, M. F. Relato de uma bárbara morte: história e literatura no cordel “o Padre Henrique e o dragão da maldade” de Patativa do Assaré. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 16, n. 27, p. 44-60, 2020.

PEREIRA, A. S.; SHITSUKA, D. M.; PARREIRA, F. J.; SHITSUKA, R. **Metodologia da pesquisa científica**. UFSM, 2018.

TAVARES, E. S. **Patativa do Assaré**: agente do sagrado. *A Teo*, v. 20, n. 52, p. 186-197, 2016.



TESTA, E. C.; CARVALHO, K. C. B. Uma proposta de escolarização da poesia no ensino médio a partir do cordel “A morte de Nanã”, de Patativa do Assaré. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 18, n. 1, p. 237-256, 2022.